



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

MAGNO FERREIRA DE JESUS

O SÁBIO, SEGUNDO HERÁCLITO

SALVADOR

2022

MAGNO FERREIRA DE JESUS

O SÁBIO, SEGUNDO HERÁCLITO

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Filosofia da Universidade Federal da Bahia como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Filosofia.

Orientadora: Profa. Dra. Gislene Vale dos Santos

SALVADOR

2022



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**COLEGIADO DE FILOSOFIA**  
*Estrada de São Lázaro, 197. Federação. Salvador/Bahia.*  
**CEP.: 40210-730. Tel (071) 3283-6441**  
***www.filosofia.ufba.br***



**ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA DE  
MAGNO FERREIRA DE JESUS NO DIA  
14 DE JULHO DE 2022**

Aos quatorze dias do mês de julho de dois mil e vinte e dois, às 14 horas, reuniram-se em sessão virtual, na sala do Colegiado de Filosofia da UFBA na Conferência Web da RNP – seguindo as orientações da Portaria nº 09/2020 da Pró-Reitoria de Ensino de Graduação da UFBA -, as professoras doutoras Gislene Vale dos Santos (orientadora - UFBA), Alessandra Carbonero Lima (UFBA) e Juliana Ortogosa Aggio (UFBA) para examinar a Monografia "O sábio, segundo Heráclito", de autoria de Magno Ferreira de Jesus, como requisito parcial para obtenção de grau de Bacharel em Filosofia. Depois de aberta a sessão, pela Profa. Gislene Vale dos Santos, o estudante fez uma breve exposição das linhas gerais de sua pesquisa. Em seguida, as professoras Alessandra Carbonero e Juliana Aggio fizeram suas arguições e a palavra foi devolvida ao estudante para que respondesse às questões. Concluída a arguição, a banca reuniu-se e deliberou, por unanimidade, por aprovar a monografia e conceder a nota 8,0 (oito). Esta ata foi lavrada, lida e aprovada por quem de direito.

\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. Gislene Vale dos Santos  
(Orientadora - UFBA)

\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. Juliana Ortogosa Aggio  
(UFBA)

  
Assinatura

\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. Alessandra Carbonero  
(UFBA)

\_\_\_\_\_  
Magno Ferreira de Jesus

## RESUMO

Este trabalho visa explorar um tema fundamental na filosofia de Heráclito de Éfeso, que viveu entre o século VI e V a.C., na Grécia arcaica. A questão que move o interesse desse trabalho se perfaz do seguinte modo: como se dá, para Heráclito, a constituição do sábio? No intento de respondê-la, buscaremos entender, com base nos fragmentos legados pelo filósofo, a relação entre *lógos* e *gnose*. A partir do percurso sugerido pelo pensador, considerando aquilo que nos diz nos seus fragmentos, de que modo podemos entender a constituição do sábio e sua possível relevância para o pensamento filosófico ainda hoje? Assim posta a questão, cabe explorar o contexto histórico-filosófico daquele período. Nesta tarefa, as interpretações de comentadores como Charles H. Kahn, Donald Schuller, Alexandre Costa, dentre outros, deverão ajudar-nos. Para tanto, o trabalho será dividido em três seções principais. A primeira tratará de definir a concepção de sábio para a época e sua relação com o *lógos*. A segunda busca definir o conceito *lógos* a partir do contexto histórico e articula-lo com o sábio. A terceira seção busca o entendimento do conceito *gnose* tal como possivelmente tenha concebido Heráclito. Ao final, abordaremos conclusivamente a filosofia heraclitiana tendo uma proposta para a concepção do sábio.

**Palavras-chave:** filosofia antiga; *logos*; *gnose*; conhecimento.

## ABSTRACT

This study aims to explore the philosophy of Heraclitus of Ephesus, who lived between the 6th and 5th century B.C. in archaic Greece. The question that moves the interest of this work is made up as follows: how is achieved for Heraclitus the constitution of the sage? In the attempt to answer it, we will seek to understand, based on the fragments left by the philosopher, the relationship between logos and gnosis. From the path suggested by the thinker, considering what he tells us in his fragments, how can we understand the constitution of the sage and its possible relevance to philosophical thought even today? Thus posed the question, it is worth exploring the historical-philosophical context of that period. In this task, the interpretations of commentators such as Charles H. Kahn, Donald Schuller, and Alexandre Costa, among others, should help us. To this end, the work will be divided into four main sections. The first will try to define the concept of sage for the time and its relationship with *logos*. The second seeks to define the *logos* concept from the historical context and articulate it with the sage. The third section seeks to understand the concept of *gnosis* as Heraclitus possibly conceived it. In the end, we will conclusively approach the Heraclitean philosophy having a proposal for the conception of the sage.

**Keywords:** ancient philosophy; *logos*; *gnosis*; knowledge

## AGRADECIMENTOS

À minha família, especialmente aos meus pais e irmão, pelo carinho, cuidado, atenção e amor.

À professora Gislene Vale dos Santos, pela disposição com a qual decidiu acolher-me como seu orientando e por me acompanhar durante todo esse processo, compreendendo cada fase desse trabalho.

Aos amigos Marcus Gabriel, Natanael Conceição e tantos outros, pela cumplicidade, afeto, e por me darem a certeza de que nunca andarei só nesta vida.

*Dedico este trabalho às Marias,  
Engrácias, Joanas, Cláudias e todas  
as ancestrais pelo companheirismo  
ao longo do caminho.*

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>1. SÁBIO.....</b>	<b>11</b>
1.1 O sábio na tradição grega.....	11
1.2 O que é o sábio.....	13
1.3 O sábio ouvindo o <i>lógos</i> .....	15
<b>2. LÓGOS.....</b>	<b>17</b>
2.1 <i>Lógos</i> heraclítico.....	18
2.2 <i>Lêgo</i> e <i>lógos</i> .....	20
2.3 A relação ser humano e divino.....	24
<b>3. GNOSE.....</b>	<b>27</b>
3.1 A natureza e seus modos de aparecimento.....	28
3.2 O conhecimento e a ignorância humana.....	35
3.3 A sabedoria.....	37
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>39</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>40</b>



## INTRODUÇÃO

No século VI a. C., o filósofo Heráclito dedica suas investigações acerca do descobrimento dos enigmas da vida e da condição humana, culminando nos aforismos que chegaram até nós. Nesse emaranhado de projeções acerca do presente que envolve o viver, isto é, tudo que atravessa a vida, somos convidados a lidar com notáveis seres humanos que através da arte, da poesia, da filosofia etc., buscam entender essa trama que é a própria vida. Essas personalidades forjam através da experiência própria do viver o que entendemos como conhecimento. Heráclito não economizou observações sobre tais figuras, ressaltando sua relevância e atuação, alguns desmereceram a outros enalteceu.

Muitos são os modos como se interpreta a vida, desde sua perspectiva religiosa, social, cultural as formas instituídas pelo tempo ancorado espacialmente em um lugar. Todos esses fenômenos compõem uma trama a qual muitos pensadores se utilizaram para pensar a vida humana.

O interesse desse trabalho está em entender o que constitui esse sábio, como se reconhece um sábio na Grécia antiga e qual a sua necessidade na vida ordinária. Para isso, analisaremos os fragmentos do pensador Heráclito, importante filósofo originário que tece sua obra considerando a cosmologia, a lógica e a antropologia. Certamente que o filósofo não tratou disso diretamente, o que também nos leva a pensar que é possível que essa separação – tal como é proposto no texto - não era evidente para ele ou simplesmente não tenha visto necessidade para tal divisão.

Em meio ao turbilhão de novas perspectivas na interpretação da vida e os modos como se entendiam os signos do cotidiano, surge um pensamento transversal desenvolvido pelo próprio Heráclito que cada vez mais demonstra inconformidade com os modos que desenham o conhecimento no seu período.

Anterior à filosofia heraclítica há na cultura a crença que muitos pensadores constituíram a própria representação do sábio, tal como Homero, Hesíodo entre outros. Em Heráclito podemos notar sua insatisfação com os pensadores da sua época nos fragmentos: DKB40, 42, 57 entre outros. Acerca dos educadores supracitados Charles H. Kahn faz o seguinte comentário:

Quatro exemplos dessa erudição são nomeados aqui. Hesíodo é o poeta do passado remoto, anterior em quase dois séculos a Heráclito, cujos poemas didáticos chegaram a gozar do *status* de reverenciados manuais que deviam ser

conhecidos de todo grego bem educado: a *Teogonia* como o relato autorizado das origens, dinástias e conexões familiares entre os deuses; *Os trabalhos e os dias* como uma suma da sabedoria popular, tratando desde a astronomia até de o que fazer nos dias de azar. Enquanto autoridade bem estabelecida em todas as coisas humanas e divinas, Hesíodo era um alvo natural. Pitágoras deve ser nomeado logo em seguida a Hesíodo porque, entre os predecessores recentes de Heráclito, ele tinha granjeado uma espécie de prestígio legendário ainda em vida. Xenófanes e Hecateu têm ambos menores pretensões à fama: eles simplesmente representam a difusão da *historiê* milésia em forma literária<sup>1</sup>.

De acordo com a leitura atenta dos fragmentos, é possível identificar o que o pensador entende por sábio e como esse é constituído, já que os demais não são acolhidos por ele como sendo genuinamente sábios, assim é exposto no fragmento DK22B40: *Muita instrução não ensina a ter inteligência; pois teria ensinado Hesíodo e Pitágoras, Xenófanes e Hecateu.*

Nessa busca por conhecer e entender o que é um sábio e sua constituição, consideraremos a principal ferramenta nesse passo que é o *lógos*, qual a função dele no pensamento do autor e como esse funda o conhecimento dos sábios? Para isso recorreremos à leitura dos fragmentos por intermédio da Coleção dos Pensadores e alguns comentadores da obra de Heráclito. Com isso, formaremos uma base capaz de se aproximar do uso correto do termo *lógos* e sua função na filosofia heraclítica.

O termo *Lógos* não é uma criação de Heráclito e sim da cultura/língua do seu tempo, o pensador se apropria do termo e o interpreta à luz do seu pensamento sobre a vida e a dinâmica entre o todo e a parte. O *lógos* será um termo fundamental para a sua filosofia, dado que se observa que este pode ser expresso de muitos modos em diferentes contextos, o que se assemelha ao fundamento da filosofia heraclítica – que faz do mobilismo algo latente ao seu pensamento - isto é, já que a filosofia de Heráclito aceita o mobilismo como uma de suas características não teria um termo melhor que o *lógos* para expressá-la.

Daremos início a investigação contextualizando a figura do sábio na Grécia antiga e sua relevância, a partir desse apanhado histórico avançaremos para entender o que é o *lógos* para a filosofia de Heráclito e como o filósofo entende seu funcionamento, para

---

<sup>1</sup> KAHN, Charles H. A arte e o pensamento de Heráclito. 2012, p. 142.

então aspirar a relação que o sábio mantém com o conceito *lógos*, sendo esse o segundo capítulo da nossa investigação. No terceiro capítulo falaremos da *gnose* e o que significa esse conceito na filosofia de Heráclito, como consequência do que foi extraído dos aforismos buscaremos compreender o que o pensador entende por *gnose* (Conhecimento) e qual a relação que este conceito tem com o conceito *lógos*, ressaltando a sua atualidade e necessidade para a dinâmica social daquele período.

Diante dos aforismos e seu contexto associados às definições obtidas nos dicionários<sup>2</sup> e a exegese filosófica, buscaremos apreender um possível uso para os termos, a fim de permanecer íntegro a filosofia de Heráclito.

Nos interessa saber quais as características básicas que fundamentam a concepção de sábio e quais suas relações com a vida humana e a divina, assim como quem pode ser considerado sábio de acordo com o pensamento de Heráclito, eis o que os capítulos acima mencionados buscam nos aproximar.

Por fim seguiremos com a hipótese que norteia essa investigação, entender a relação ser humano divinizado com a noção de divino na filosofia heraclítica tomando como fundamental o que o autor assegura ser conhecimento, ou seja, o que fundamenta a divinização do ser humano e a constituição do sábio. Para tal, seguiremos com a concepção de ser humano divinizado<sup>3</sup>, conceito formulado pelo comentador Alexandre Costa quando trata desse ser humano que busca ouvir o *lógos* e se permite a abertura da totalidade através da *Gnose*.

---

<sup>2</sup> Usaremos como suporte e caminho o dicionário da língua grega de Liddel e Scott, gramáticas e o aparato crítico/filosófico que nos ajudará na compreensão do conceito *gnose*.

<sup>3</sup> COSTA, Alexandre. Heráclito: fragmento contextualizado, São Paulo: Odysseus, 2012. P. 187, comentário ao fragmento 73 (numeração do autor).

## 1. SÁBIO

### 1.1 O SÁBIO NA TRADIÇÃO GREGA

Com frequência se ouve falar dos(as) sábios(as) na tradição grega, sobretudo quando se trata do pensamento grego originário, onde essa figura ocupava lugares de destaque como poeta, vidente, guerreiro, filósofo entre outros. Todos que de algum modo pensaram a vida se depararam com a figura notável dos sábios, são esses que facilitarão o acesso de outras pessoas as mesmas e mais profundas descobertas, pois enquanto sábios uma vez que a travessia foi feita sempre será possível refazê-la e, quiçá, necessário que assim seja continuamente. Embora toda sua importância social, científica etc., podemos notar que sua importância na vida ordinária foi perdendo espaço no decorrer do tempo.

De acordo com suas responsabilidades, também sobrevieram aos sábios estorvilhos por incomodarem as estruturas políticas vigente naquela época, dado que aconselhavam o povo acerca de assuntos pertinentes à dinâmica social, espiritual e política. Devemos salientar que o sábio não é apenas esse indivíduo que pensa sobre a vida como algo descolado da sua vivência, antes, o sábio parece ser este que vivencia a experiência da vida como algo latente e não descolado da sua realidade, o que garante a manutenção da sua sabedoria, pois embora seja “comum a todos o pensar”<sup>4</sup>, apenas o sábio desenvolve a capacidade do conhecimento total a partir da escuta do *lógos*.

O caminho para se alcançar o conhecimento será pensado por Heráclito com base na tradição do seu tempo, que, como vimos, considera o(a) sábio como detentor desse conhecimento mais total. Veremos em Heráclito que esse conhecimento vem precedido de passos fundamentais, que passará pela escuta sensível à compreensão da totalidade.

Uma peça fundamental na constituição da tradição popular da antiguidade eram os poetas, esses se ocupavam de ensinar acerca de assuntos como: política, filosofia, etc., todos que faziam isso levavam o nome de educadores. Assim escreve Werner Jaeger:

e o rico tesouro da sabedoria popular, mesclado de regras primitivas de conduta e preceitos de prudência enraizados em superstições populares, chegava pela

---

<sup>4</sup> Aforismo DKB:113. José Cavalcante Souza. *Os pré-Socráticos*. 1973, p. 96

primeira vez à luz do dia, através de uma antiquíssima tradição oral, na poesia rural de gnômica de Hesíodo<sup>5</sup>.

É basilar a presença de educadores na formação da tradição visto que são eles responsáveis pela orientação, preparo e educação. Segundo Werner Jaeger, a sabedoria popular é constituída para além de costumes, regras e preceitos, ela é formada sobretudo pelos ensinamentos dos educadores, assim como vemos em Colli, “sabedoria também significava habilidade técnica<sup>6</sup>”, ou seja, os educadores preparavam tecnicamente para a execução prática dos seus ofícios.

## 1.2 O QUE É O SÁBIO

É possível supor que os(a) sábios(a) estavam entre o povo e compunham a vida social sem grande exaltação, isso porque eles podiam ser encontrados desempenhando qualquer ofício, assim diz o pensador Giorgio Colli:

Naquela época, “sabedoria” significava também habilidade técnica, ou mesmo sabedoria de vida, prudência política. Mas sábio – não aquele que era sábio em alguma coisa e não sábio em outra, mas sábio de modo absoluto – era alguém que possuía a excelência do conhecimento.<sup>7</sup>

Podemos afirmar junto a Colli que ser sábio não estava associado ao desenvolvimento de técnicas ou a habilidade para o manejo de algo, antes se tratava de alguém que conseguia, parafraseando Colli, “*a excelência do conhecimento*”, ou seja, o conhecimento que funda todo conhecimento. Ser artesão, filósofo, poeta ou qualquer outra função não afasta, como também não parece aproximar a possibilidade de se tornar um(a) sábio(a), embora todos(a) tenham a mesma capacidade.

Com frequência Heráclito menciona Hesíodo e Homero como educadores que não ensinavam o verdadeiro conhecimento, vemos isso em DKB40: “Muita instrução não ensina a ter inteligência; pois teria ensinado Hesíodo e Pitágoras, Xenófanes e Hecateu”<sup>8</sup>,

---

<sup>5</sup> JAEGER, Werner Wilhelm. *Paidéia: a formação do homem grego*. Trad. Artur M. Parreira. 3ª. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994, p. 23.

<sup>6</sup> COLLI, Giorgio. *A sabedoria grega III*. Trad. Renato Ambrosio. São Paulo: Paulus, 2013, p. 7.

<sup>7</sup> Idem. p. 7.

<sup>8</sup> José Cavalcante Souza. *Os pré-Socráticos*. 1973, p. 89.

ou seja, embora sejam educadores o conhecimento fundamental eles não ensinavam, isso porque o conhecimento não está nas habilidades.

Há uma consideração salutar que com base na filosofia de Demócrito, Cornford faz a respeito dos sábios, a saber:

De acordo com Demócrito, os animais irracionais, os sábios e deuses estão dotados de um sentido adicional, além dos cinco sentidos ordinários. Para os animais irracionais este sentido adicional é, sem dúvida, parte do que denominamos instinto.<sup>9</sup>

Já em Demócrito podemos observar uma perspectiva interessante, onde põe os animais, sábios e deuses com um sentido a mais, que seria esse sentido responsável por gerar a distinção entre animais e seres humanos e, no caso do sábio e deuses distingui-los um dos outros. Na continuidade do texto ele diz:

Na Grécia do século quinto a figura do sábio podia identificar-se tanto com a dos poetas e adivinhos como com a dos pensadores e filósofos. Por conseguinte, como viu Rohde esta afirmação relacionaria estreitamente as inspirações do poeta e do adivinho com a intuição filosófica que Demócrito denominava sabedoria legítima. Esta faculdade entra em jogo quando fracassa em suas tentativas do conhecimento bastardo dos cinco sentidos<sup>10</sup>.

Reafirmando a possibilidade de existir sábios em todas as áreas, podendo identificá-los tanto entre filósofos, poetas, adivinhos e outras tantas áreas, é possível que encontrá-los não era uma tarefa difícil, já que a sua presença não se restringia a um ofício específico. Embora não fosse difícil encontrá-lo, identificá-lo talvez não fosse uma tarefa fácil, pois se trata de um olhar cuidadoso para o conhecimento. Quiçá só um sábio reconheça outro(a) sábio(a).

Se por um lado o sexto sentido do animal irracional é o instinto, para o(a) sábio(a) o sexto sentido seria a sabedoria legítima, ou, se podemos supor como diz Colli “a excelência do conhecimento”. Ser sábio pressupunha uma destreza no conhecimento mais total. Todo(a) sábio(a) possuía o fundamento do conhecimento, porque quando todos os sentidos falhavam, o sexto, que seria a sabedoria legítima, entra em vigor, segundo diz Cornford a respeito da filosofia de Demócrito.

Os notáveis ou sábios parecem acessar a plenitude do conhecimento por meio da capacidade de abertura para o que lhe é maior (o todo), essa abertura parte de uma relação

---

<sup>9</sup> CORNFORD. Francis Macdonald. *Principium sapientiae: los Orígenes del pensamiento filosófico griego*. Madrid: Cambridge university press, 1952. p. 86 (tradução nossa do espanhol para o português)

<sup>10</sup> CORNFORD. Francis Macdonald. *Principium sapientiae: los Orígenes del pensamiento filosófico griego*. Madrid: Cambridge university press, 1952. p. 86 (tradução nossa)

de escuta sensível do ser humano para com a totalidade que o envolve, ou seja, o conhecimento propriamente dito só pode ser uma atividade do ser humano na medida em que esse se relaciona com o cosmo por meio do *lógos*.

### 1.3 O SÁBIO OUVINDO O LÓGOS

Ainda não é possível provar, nem tampouco nutrimos essa esperança que Heráclito tenha desenvolvido uma teoria do conhecimento tal como entendemos hoje, por essa razão que qualquer possibilidade de comparação entre os modos de teorização sobre o conhecimento pode incorrer em erros.

A atividade de questionar(-se) é própria do ser humano, uma capacidade inerente a sua natureza racional desenvolvida pelo *lógos* particular. Por ser tal *lógos* constitutivo do ser humano, a atividade de questionar-se não poderia ser de outro modo senão própria da natureza humana.

Heráclito na sua filosofia aponta as questões do seu tempo e delimita um caminho através do qual o acesso ao conhecimento humano é de responsabilidade individual, através do empenho em questionar(-se).

Para permanecer fiel ao ímpeto que nos move, seguiremos o percurso de questionamento acerca do conhecimento em Heráclito, serão considerados os fragmentos DKB40, DKB56 e DKB108 entre outros. Em tais fragmentos podemos ver que o intento do pensador é provocar o que a tradição popular considerava como sendo conhecimento, assim como aquele que era intitulado de sábio pela tradição.

No fragmento DKB40, onde consta: “Muita instrução não ensina a ter inteligência; pois teria ensinado Hesíodo e pitágoras, Xenófanes e Hecateu.” Certamente que o conhecimento destes homens não era capaz de garantir o status de sábios, de acordo com a filosofia heraclítica. O mesmo se passa com o fragmento DKB56 que diz:

Estão iludidos os homens quanto ao conhecimento das coisas visíveis, mais ou menos como Homero, que foi mais sábio que todos os helenos. Pois enganaram-no meninos que matando piolhos lhe disseram: o que vimos e pegamos é o que largamos, e o que não vimos nem pegamos é o que trazemos conosco

Mesmo Homero, que pode ser considerado o mais sábio de todos os Helenos, segundo a tradição popular, estava enganado quanto o conhecimento do que é aparente,

certamente que a sua limitação estava em não homologar com o *lógos*, isso o fazia enganar-se, sobretudo com o que não é aparente. Como complemento para o entendimento desse fragmento há o DKB108 que diz: “De quantos ouvi as lições nenhum chega a esse ponto de conhecer que a (coisa) sábia é separada de todas.”, se podemos relacionar o aforismo anterior com esse é possível que a conclusão que chegaríamos é que os ensinamentos desses homens não consideravam que aquilo que possibilita o conhecimento, o *lógos*, é separado da coisa visível.

O caminho interpretativo o qual propomos pode nos levar a seguinte questão: qual a relação que podemos estabelecer entre ser humano e conhecimento a partir dos fragmentos de Heráclito? Essa pergunta se torna importante por supor que existe uma relação, e que essa pode ser entendida como algo que é possível ao ser humano, caso contrário não faria sentido para nós a sua existência.

Heráclito mostra que embora o conhecimento esteja ao alcance de todos, nem todos produzem com verdade, já que a ignorância impede a escuta sensível do *lógos*, a esses poderíamos considerar de alma bárbara.

O caminho para a pergunta que estabelecemos se inicia ao concordarmos que o sábio antes de alcançar esse nível da vida é um ser humano tal como qualquer outro, o que o diferenciara dos demais é a atividade de escuta atenta do *lógos* particular em relação com o *lógos* universal.

De acordo com o primeiro fragmento que apontamos acima, DKB40, notamos que as pessoas se corrompem no caminho de busca pelo conhecimento, por pensarem que por meio da erudição dos grandes educadores daquela época, chegarão ao conhecimento ou ainda mais, o aclamado estatuto de sábio.

De acordo com os apontamentos feitos por Heráclito, já conseguimos entender aquele que não detém evidentemente da compreensão do que se trata a escuta sensível, ou seja, aquele que ignora o conhecimento da alma. Cabe a partir de agora saber reconhecer esse que é detentor do conhecimento e como isso reverbera na sua vida.

Aquele que consegue conhecer-a-si-mesmo ascende com um passo à frente dos ignorantes, pois, ao invés de aceitar os ditos pelos considerados sábios da sua época, que conduziam as pessoas a ignorarem a escuta sensível, esse consegue compreender que o conhecimento é um processo de se dispor para aquém ou além da hegemonia dos ditos



sábios e seguir o conhecimento verdadeiro, isto é, o conhecimento gerado a partir da relação do *lógos* particular para com o *lógos* universal.

Essa atenção a qual aponta Heráclito já diz sobre a natureza desse conhecimento, pois não parece se tratar de algo ensinado, antes de algo imanente no ser humano, sendo assim, cabe a este se permitir acessá-lo, ao que podemos supor que no fundo somos todos potencialmente sábios.

O autor Alexander Costa no comentário dos fragmentos 103 a 110 da sua obra diz:

Várias vezes Heráclito conclama os homens a esse empenho, fazendo-o positivamente, como nesses últimos fragmentos. Mas trata também de fazê-lo negativamente, apontando aquilo que não é a procura, a investigação, a *philosophia* e o empenho efetivos: não são por exemplo, a desatenção e a obediência infantis (108), nem a conjectura estéril (109), nem tampouco qualquer desmedida. Seja “para cima” ou “para baixo” é necessário não errar a medida; é preciso não inflar a *hybris* (110): os homens não devem ser nem mais nem menos do que “amantes da sabedoria”. Isto significa: nem além nem aquém da *homologia*, *nem deuses*, *nem ignorantes*, *respectivamente*<sup>11</sup>. (Grifo no original)

Ou seja, o conhecedor deve amar a sabedoria, aquilo que há nele de verdadeiro e que conseqüentemente o conduzirá ao estatuto de sábio, Alexandre Costa no comentário aos fragmentos 73 a 77 da sua obra diz: “através da *homologia* o homem diviniza-se, desumanizando-se”. É a *homologia* responsável pela relação dos *lógos*, tal relação favorecerá o conhecimento pleno. Assim continua o comentador: “Ouvindo o *lógos*, sendo sábio, o homem escutará do próprio *lógos* a revelação de sua natureza fundamental: ser tudo-um”. É possível supor que o que o sábio diz deve ser concordante com o *lógos*, sendo assim harmônico.

---

<sup>11</sup> COSTA, Alexandre. **Heráclito: fragmentos contextualizados**. Rio de Janeiro: Odysseus, 2012, p. 194

## 2. O LÓGOS

### 2.1 O LÓGOS HERACLÍTICO

Heráclito parece nos sugerir que havia falta de compreensão entre ele e os seus contemporâneos acerca do acesso ao conhecimento. Para ilustrar esse fato usaremos parte do fragmento DKB1 onde consta: “deste logos sendo sempre os homens se tornam descompassados quer antes de ouvir quer tão logo tenham ouvido; [...]”. É possível notar que a falta de compreensão dos seus contemporâneos era quanto à interpretação do *lógos* que Heráclito propunha e, sendo o *lógos* fundamento da sua filosofia o diálogo entre Heráclito e seus contemporâneos só poderia ser infrutífero.

Dada a falta de compreensão por parte de seus contemporâneos à sua filosofia e o seu afastamento do debate público, é cabível a suposição que a aceitação da filosofia heraclítica não encontraria solo firme para se sustentar, eis a razão de ler-se com frequência fragmentos que desaprovam o pensamento popular da sua época. É possível que o cerne da falta de compreensão tenha suas raízes no conceito *lógos*, já que a interpretação heraclítica parece destoar das demais.

Heráclito, por meio do *lógos*, inaugura um modo próprio de lidar com o mundo, que depende de uma relação necessária entre os *lógoi*, além de ser o meio pelo qual o ser humano conhecerá. O conceito exige um aprofundamento que perpassa a etimologia, a semântica e a própria história, se fazendo necessário uma interpretação multissignificativa, assim como é acontece em todos os aforismos do pensador. Como afirma Donaldo Schuler, sobre Heráclito:

“Sentindo a insuficiência do sistema linguístico para desvendar o mistério do mundo, desenvolveu uma linguagem ambígua, alusiva, multissignificativa, apta a apanhar a complexidade da realidade apenas entrevista, discurso que gera outros discursos em corrente sem fim determinável.”<sup>12</sup>

---

<sup>12</sup> SCHULER, Donaldo. Heráclito e seu (dis)curso, Porto Alegre: L&PM, 2000. p. 12

O *lógos* e o discurso de Heráclito caminham juntos, isto é, se reafirmam continuamente por meio da sua polivalência conceitual, para melhor compreender a sua filosofia é necessário entender o cerne do seu pensamento, o *lógos*, para tanto, discriminaremos conceitualmente, no intuito de alcançar uma maior inteligibilidade do conceito e, conseqüentemente do pensamento de Heráclito.

*Logos* é um termo grego clássico que teve seu uso marcado por uma filosofia aforística, se assim podemos dizer, sendo os aforismos tudo que temos acesso do pensamento de Heráclito. Há quem supõe, como é o caso de Donald Schuler<sup>13</sup>, que o modo próprio da filosofia de Heráclito tenha sido justamente através dos aforismos, pois só assim conseguiria expressar aquilo que de fato compete ao todo complexo de seu pensamento, ou seja, esse modo enigmático de experimentar a dinâmica do universo através do discurso fragmentado.

Para melhor entender o conceito supracitado, será considerado a contribuição de outros conceitos que circundam o empreendimento aqui proposto, como, por exemplo, homologia, *physis*, entre outros, conseqüentemente utilizaremos outros elementos encontrados nas obras dos pensadores originários, sobretudo na filosofia heraclítica para nos aproximarmos da fidelidade do uso do conceito.

Conforme encontrado no dicionário grego – inglês,<sup>14</sup> o termo *logos* é constituído através do verbo *legô*, o que em certa medida sugere uma relação entre os conceitos, tal relação perpassa o campo da semântica, ficando evidente na exegese filosófica, sobretudo proposta por Heráclito.

Antes de partir para o entendimento do conceito *legô*, cabe saber o que consta como definição de *lógos* segundo o “LSJ”<sup>15</sup>, por ser demasiado extensa a definição elegeremos aquelas palavras que melhor expõe o sentido que possivelmente Heráclito tenha empregado em sua filosofia, são elas: medida, explicação, argumento, razão, debate interno da alma, pensamento, fala e expressão verbal.

É evidente que *lógos*<sup>16</sup> pode ser traduzido de muitos modos, o que denota sua maleabilidade semântica, isso tanto pode ser provado lendo os dicionários como os

<sup>13</sup> Idem. p. 9 -11.

<sup>14</sup> LIDDEL, H. G. e SCOTT, R. *A Greek-English Lexicon*, Oxford: Claredon, 1996

<sup>15</sup> “LSJ” corresponde ao citado dicionário “LIDDEL e SCOTT”, p. 2373

(1) <sup>16</sup> computation, reckoning”: 1. Account of Money handled, 2. Generally, account, reckoning, 3. Measure, tale. 4. Esteem, consideration, value put on a person or thing

comentadores. No pensamento de Heráclito essa polivalência conceitual é uma importante característica, pois para abordar conceitos como *lógos*, *physis* entre outros, só uma filosofia multissignificativa que consegue abarcar as possibilidades de cada um desses conceitos.

Antes mesmo de se ater a alguma das definições presente nesta filosofia, cabe avaliar aquilo que primeiro constituiu todo esse cenário da definição do termo. Por ora, as definições que temos do conceito *lógos* nos sugerem alguns caminhos interpretativos, os quais enveredaremos na medida em que formos avançando nesta pesquisa.

## 2.2 LÊGO E LÓGOS

Dentre as dificuldades presente nos termos *lêgo* e *lógos* podemos mencionar de imediato as diferenças etimológicas. *Legô* é o que marca a ação de *lógos*, por ser ele verbo, portanto, é através dele que podemos falar da mobilidade de *lógos*. Enquanto o verbo *lêgo* é a ação de pronunciar, falar, etc, o substantivo *lógos* é o fundamento desse movimento da manifestação.

Para melhor entender a questão etimológica do termo, recorreremos ao uso do dicionário grego – inglês de Liddel e Scott<sup>17</sup>, e posteriormente à arguição semântica do problema. No dicionário em questão encontramos a afirmação de que *lógos* tem o sentido

- 
- (II) relation, correspondence, proportion”: 1. generally, 2. mathematics, ratio, proportion, 3. Gramm., analogy, rule.
- (III) explanation: 1. plea, pretext, ground, 2. statement of a theory, argument, 3. law, rule of conduct, 4. thesis, hypothesis, provisional ground, 5. reason, ground, 6. formula (wider than definition, but freq. equivalent thereto), term expressing reason, 7. reason, law exhibited in the world-process.
- (IV) Inward debate of the soul: 1. Thinking, reasoning, 2. Reason as a faculty.
- (V) Continuous statement, narrative (whether fact or fiction), oration, etc.: 1. Fable, 2. Legend, 3. Tale, story, 4. speech, delivered in court, assembly, etc
- (VI) Verbal expression or utterance: 1. verbal expression or utterance, 2. common talk, report, tradition, 3. discussion, debate, deliberation.
- (VII) A particular utterance, saying: 1. Divine utterance, oracle, 2. Proverb, maxim, saying, 3. Assertion, 4. Express resolution, 5. Word of command, behest, 6. declaration of legal immunity,
- (VIII) “Thing spoken of, subject-matter”: 1. thing spoken of, subject-matter, 2. plot of a narrative or dramatic poem, 3. thing talked of, event.
- (IX) Expression, utterance, speech regarded formally: 1. expression, utterance, speech regarded formally, 2. of various modes of expression, esp. artistic and literary, 3. Gramm., phrase, complex term.
- (X) “The word or wisdom of god, personified as his agent in creation ad world-government”
- <sup>17</sup> LIDDEL, H. G. e SCOTT, R. *A Greek-English Lexicon*, Oxford: Clarendon, 1996.

correspondente a *legô*<sup>18</sup>, a confluência dos conceitos é o que nos leva a relacioná-los a partir daqui.

*Logos* carrega consigo uma carga semântica além do que poderemos noticiar aqui, pois a sua construção e uso é demasiadamente variada na antiguidade grega. Como visto, segundo o próprio “LSJ” *legô* é um conceito que possibilita a explicação para a definição de *logos*, portanto, cabe analisar o que significa e para onde aponta a definição de *legô*.

Segundo o “LSJ”, *legô* se apresenta das seguintes formas: (I) “pick up, gather” (pegar, reunir) (II) “count” (Contar) e (III) “say, speak” (Dizer, falar). Parafrazeando Edwin L. Minar<sup>19</sup>, o sentido mais proeminente é (III) (dizer, falar) usado pela primeira vez na *Teogonia de Hesíodo*, já para o segundo sentido (contar), nota-se seu uso na odisséia de Homero.

O termo *lêgo* e o seu uso, na antiguidade, pode apresentar outros significados além dos que foram relacionados aqui. Utilizamos da confluência necessária entre *lógos* e *lêgo* para noticiar de onde parte a definição de *lógos*. A partir de agora teremos que entender como o pensador Heráclito se utiliza do termo *lógos* para os propósitos da sua filosofia.

A partir das abordagens de *logos* feita principalmente pelo pensador Heráclito é que o universo helênico se torna outro, afinal é ele quem cuidadosamente se preocupa com os caminhos que a cultura e a produção de conhecimento estão tomando. Heráclito também propõe um *lógos* discursivo, mediado pela atenção da escuta, sendo um discurso multisignificativo, além de uma força de ação sob a qual a *physis* opera.

A proposta do pensador parece encaminhar-se por meio de um discurso que se apresenta como sendo um “*Enunciado divino, oráculo*”<sup>20</sup>. No fragmento DKB93: “O senhor, de quem é o oráculo em Delfos, nem diz nem oculta, mas dá sinais”<sup>21</sup>. Essa forma fragmentada do discurso de Heráclito, se apresenta como sentenças oraculares que podem não expor imediatamente o que pretendem, porém, apontam caminhos, tal como o oráculo em Delfos.

---

<sup>18</sup> Idem, Ibidem. p. 2373.

<sup>19</sup> Edwin L. Minar, Jr. “*The logos of Heraclitus*” Classical philosophy, 1938 p. 323

<sup>20</sup> LSJ (*divine utterance, oracle*)

<sup>21</sup> José Cavalcante Souza. *Os pré-Socráticos*. 1973, p. 94

Importa saber que esse senhor do qual Heráclito fala parece se comunicar através de sinais, assim é o oráculo, o que é concordante com a proposta da filosofia do pensador. Há um comentário de Alexandre Costa a respeito desse fragmento que diz: “Assinalando o caminho, a voz do efésio assemelha-se e junta-se à divina voz do oráculo [...] fornecendo mais um exemplo de como o *lógos* humano pode levantar-se à altura do *lógos*.”<sup>22</sup> Aqui parece que o comentador aproxima o *lógos* humano ao *lógos* divino, demonstrando que Heráclito utiliza bem dessa forma oracular, pois sempre encaminha a uma conclusão, porém o mesmo não conclui.

Já no fragmento DKB50 há outra característica do *lógos* responsável por unir todas as coisas, cito: “Não de mim, mas do *logos* tendo ouvido é sábio homologar tudo é um”, ou seja, o *lógos* é esse campo fundamental para a união das partes no todo, ao ouvir o *lógos* e concordar com ele, homologar, se perceberá que o mesmo é que permite a relação entre partes e faz fluir o todo ordenadamente. A compreensão do modo como o todo e a parte se comunicam a partir da dinâmica de ordenação do *logos*, que de igual maneira envolve o ser humano, servirá para entender como se organiza o conhecimento.

Vale ressaltar que a escuta da qual tratamos não se refere a uma atividade sensorial, como se através do escutar instruções e ensinamentos fosse suficiente para se alcançar o conhecimento, aqui se observa que é necessário muito mais que um experimentar-se em palavras e ações, assim como faz Heráclito ao pronunciar seus fragmentos.

O cerne da questão reside na busca a si mesmo, que seria uma busca pelo entendimento do ser humano na dinâmica do todo. Ao comentar o fragmento DKB101, Alexandre Costa diz:

Buscar a si mesmo não é de modo algum privilegiar o “eu” (1), mas buscar compreender o lugar do homem na *lógica* de tudo. Heráclito é homem e procurou o homem, procurou-se a si mesmo. Essa procura é também o “investigar” (107) que funda e possibilita a *philosophía*, o ser amante da sabedoria. Procurar, investigar e amar a sabedoria resumem-se decerto no que tenho designado como “empenho pela *homología*” (16).<sup>23</sup>

Na busca por si o ser humano compreende-se, essa investigação descortina a relação inerente entre ser humano e *lógos*, fazendo perceber-se a partir da homologia.

---

<sup>22</sup> COSTA, Alexandre. *Heráclito: fragmento contextualizado*, São Paulo: Odysseus, 2012. P. 194, comentário ao fragmento DKB 93 (numeração do autor)

<sup>23</sup> COSTA, Alexandre. *Heráclito: fragmento contextualizado*, São Paulo: Odysseus, 2012. P. 194, comentário ao fragmento DKB 101 (numeração do autor)

Nesse sentido, a busca por si parte do desenvolvimento de uma introspecção, que seria o *lógos* particular no ser humano, para uma extrospecção, sendo esta o *lógos* universal.

O *lógos* heraclítico é a unidade que orienta a diversidade do todo, embora dito desse modo simplório há uma dificuldade dos contemporâneos de Heráclito em entendê-lo, tal dificuldade se observa ao ler o fragmento DKB50<sup>24</sup>

Deste logos sendo sempre os homens se tornam descompassados quer antes de ouvir quer tão logo tenham ouvido; pois, tornando-se todas (as coisas) segundo esse logos, a inexperientes se assemelham embora experimentando-se em palavras e ações tais quais eu discorro segundo (a) natureza distinguindo cada (coisa) e explicando como se comporta. Aos outros homens escapa quanto fazem despertos, tal como esquecem quanto fazem dormindo.<sup>25</sup>

Tal aforismo se inicia com um *lógos* comunicável, “*Deste lógos sendo sempre os homens se tornam descompassados quer antes de ouvir quer tão logo tenham ouvido*”, ou seja, embora o *lógos* seja comunicador o ser humano parece permanecer na ignorância, isso porque essa instância da comunicação só tem sua concretude na medida em que há uma relação entre as partes e o todo, relação que forja o cenário que nos conduz a afirmar, junto ao autor, que uma das expressões desse *logos* só pode ser enquanto comunicador.

Na continuidade do aforismo o autor expõe o *lógos* como sendo essa instância responsável por permitir que tudo ocorra de acordo com sua organização, pois o *lógos* é responsável por organizar a multiplicidade diversa, portanto, cede ordem para os movimentos de geração e corrupção, surgimento e desaparecimento, entre outros. Na continuidade do aforismo “pois, tornando-se todas (as coisas) segundo esse *lógos*”, ou seja, tudo que ocorre só é permitido seu movimento na medida em que homologa ou concorda com o *lógos*. Vale salientar que concordar com o *lógos* não quer dizer personificá-lo, antes, depender dele para o estabelecimento da ordem.

Para falar da expressão da natureza desse *logos* no ser humano, temos o aforismo seguinte DKB2: “*Por isso é preciso seguir o-que-é-com, isto é, o comum; pois o comum é o-que-é-com. Mas, o lógos sendo o-que-é-com, vivem os homens como se tivessem uma inteligência particular*”<sup>26</sup>. Lendo esse aforismo concordaremos que é preciso seguir o *lógos*, pois ele é justamente o-que-é-com, conseqüentemente o que

<sup>24</sup> José Cavalcante Souza. *Os pré-Socráticos*. 1973, p. 85.

<sup>26</sup> Idem, *Ibidem*. p. 85.

é comum a tudo, portanto, o *lógos* que é comum não pode estar reservado apenas para os sábios.

Já no fragmento DKB80, cito: “É preciso saber que o combate é o-que-é-com, e justiça (é) discórdia, e que todas (as coisas) vêm a ser segundo discórdia e necessidade.<sup>27</sup>”, este comum que é o-que-é-com (*logos*) que une a multiplicidade gerada pela guerra/combate, ou seja, é essa força de contrários atuante dentro do bojo que é o próprio *lógos*. A guerra gera comunicação, pois põem os lados opostos em relação, ou seja, o comum é responsável por gerar essa comunicação entre o *lógos* universal e o *lógos* particular.

Esse mesmo comum que é o *lógos*, no aforismo DKB113, cito: “Comum é a todos o pensar”<sup>28</sup>, o que já denota uma outra particularidade do *lógos*, que é ser possível a quem queira e também ser ele mesmo pensar, já que o comum é a todos pensar, o *lógos* é pensamento na medida em que organiza todas as coisas.

*Lógos* significa também essa força de reunião, assim diz Donald Schuler: “*Lógos* significa uma reunião de coisas sob determinado critério”<sup>29</sup>, Desse modo, temos a reafirmação dessa união das partes no todo através dessa força que é o *lógos*. Donald Schuler ao falar sobre o critério de união do *logos* diz que o mesmo é responsável por distinguir cada ser – não separando tais seres para um trato particular, assim como acontece com as ciências modernas, que através de muitas separações, tratam o todo como partes separadas - tal distinção, como o próprio termo já diz, é responsável por absolver as diferenças e distinguir os seres, de acordo com suas especificidades, concedendo, ao todo diverso, ordem.

Parte do empreendimento filosófico de Heráclito foi entender essa multiforme e multissignificação do *logos* e, para que esteja acessível a capacidade racional é necessário entender a relação entre os *lógos* universal e particular no ser humano. Com frequência o ser humano põe em relação os *lógos* atrelados a teia do discurso verbal, para que desse modo consiga enendê-lo, porém, parece que tal tentativa também incorre em erro, eis aqui a razão pela qual Heráclito diz no fragmento DKB1:

[...] pois, tornando-se toda (as coisas) segundo esse *logos*, a inexperientes se assemelham embora experimentando-se em palavras e ações tais quais eu

<sup>27</sup>Idem, Ibidem, p. 93.

<sup>28</sup> Idem, Ibidem, p. 96.

<sup>29</sup> Donald Schuler, Heráclito e seu (dis)curso. 2000, p. 18.



discurso segundo (a) natureza distinguindo cada (coisa) e explicando como se comporta.

A busca desenfreada pela apreensão do *lógos* no discurso convencional humano não é capaz de englobar a magnitude do *logos*, antes, tal discurso verbal é uma das expressões do próprio *lógos*. Diz Donald Schuler: “Prender o Discurso<sup>30</sup> no tecido verbal esteve sempre na mira dos homens”<sup>31</sup>.

### 2.3 A RELAÇÃO SER HUMANO E DIVINO

O ser humano participa de um *ôikos*<sup>32</sup>, que exige uma interação entre o todo e as partes, o ser humano enquanto parte e a casa enquanto o todo, dentro desse bojo organizado pelo *lógos*, é exigida uma relação para que esse todo ordenado se mantenha em harmonia, esse equilíbrio só é possível na medida em que as partes se comunicam. Vale salientar que a comunicação é muito além do uso de todo aparato linguístico, é possível a comunicação sem necessariamente a verbalização, aqui nesse trabalho tratamos de abordar a comunicação como sendo meio de relação entre partes e todo.

O *lógos* tal como estamos abordando extrapola as barreiras determinantes da linguística e passa a cumprir o importante papel de caminho, de ponte no ser humano particular e o divino universal. Aceitamos o divino como universal por sua própria natureza, seja a característica de sua constituição, seja pelo modo próprio e apropriado de atuação na vida ordinária.

Essa expressão do *lógos*, de enunciado divino, se apresenta como indicador de caminho o que por si mesmo já diz para o quê se destina, encaminhar os interessados à sabedoria. Vale salientar que esse pronunciamento do *lógos* não se restringe à verbalidade, é possível que o modo fragmentado como recebemos o pensamento de Heráclito seja a forma mais próxima de um enunciado oracular, dado que o mesmo tende a encaminhar os interessados que se dirigem aos templos em busca de um caminho.

Esse pode ser um dos motivos que conduziu Heráclito a produzir um discurso multissignificativo, isto é, um discurso que consiga dar conta da complexidade que é

<sup>30</sup> Vale salientar que esse *Discurso* o qual o autor menciona é o próprio *logos*.

<sup>31</sup> SCHULER, Donald. **Heráclito e seu (dis)curso**, Porto Alegre: L&PM, 2000. P. 18.

<sup>32</sup> Casa

o *lógos* e suas expressões. Heráclito buscava explicar isso que é muito maior do que seu domínio do discurso falado, eis aí a razão de ser aparentemente tão obscuro seu pensamento.

Dada as mais variadas formas e expressões do *lógos*, a voz oracular adota a postura que tem como objetivo apontar como também encaminhar, como consta no fragmento DKB93: “O senhor, de quem é o oráculo em Delfos, nem diz nem oculta, mas dá sinais”. O *lógos* heraclítico, nesse contexto, auxilia a trilhar o caminho, pois ele acompanha como luz os que dormem ou ignoram a voz oracular a seguirem o caminho certo. Assim comenta Alexandre Costa o fragmento DKB93:

É provavelmente a esses que não sabem mais para onde vão (102) e que esqueceram para onde devem ir que Heráclito, enunciando seu *lógos* (2), recorda “por onde passa o caminho” (103). Assinalando o caminho, a voz do efésio assemelha-se e junta-se à divina voz do oráculo [...].<sup>33</sup>

Embora a dimensão oracular aponte, os homens não se atentam ao *lógos*, conseqüentemente não entendem e jamais entenderão o caminho se por um empreendimento estritamente outro que não a escuta do *lógos* se apoiarem. Mesmo o *lógos* sendo fundamento de tudo alguns contemporâneos de Heráclito parecem não reconhecerem o *lógos* enquanto essa unidade fundamental, assim diz Heráclito no fragmento DKB1: “[...] Ainda que tudo aconteça conforme este *lógos*, parece que não terem experiência experimentando-se em tais palavras e obras, como eu as exponho, distinguindo e explicando a natureza de cada coisa [...]”.

Sendo assim, se fez necessário um discurso que aproximasse a compreensão do *lógos* universal, portanto o esforço agora é relacionar os *lógos* e a partir daí permitir abertura de relação entre eles. Assim diz Heráclito no fragmento DKB1:

destes logos, sendo sempre os homens se tornam descompassados quer antes de ouvir quer tão logo tenham ouvido; pois, tornando-se todas (as coisas) segundo esse logos, a inexperientes se assemelha embora experimentando-se em palavras e ações tais quais eu discorro segundo (a) natureza distinguindo cada (coisa) e explicando como se comporta. Aos outros homens escapa quanto fazem despertos, tal como esquecem quanto fazem dormindo.<sup>34</sup>

Embora a aparente tentativa de explicar o *lógos* ou chamar atenção para ele, como parece fazer Heráclito na sua filosofia, esse discurso escrito ou falado ainda é insuficiente para assim experienciá-lo, pois se assim fosse seria suficiente o que

<sup>33</sup> COSTA, Alexandre. Heráclito: fragmentos contextualizados. Rio de Janeiro: Odysseus, 2012, p. 194.

<sup>34</sup> José Cavalcante Souza. *Os pré-Socráticos*. 1973, p. 85.

produziu Homero. O adequado e indicado pelo autor é ouvirem a este *lógos* que significa. Donald Schuller diz:

O discurso e os discursos excedem-nos como processo de organização. Na impossibilidade e na obstinação de os alcançar, produzimos novos discursos, que no excesso têm o destino dos primeiros, e continuamos irremissivelmente imersos no acontecer da ignorância<sup>35</sup>.

Enquanto a produção de discursos for considerada como o principal meio para se alcançar a sabedoria, teremos o ciclo de produção de discursos que nunca se encerrará, é o que diz Donald Schuller no trecho supracitado.

Embora Heráclito tente despertar os seres humanos através desse discurso falado e por vez fragmentado, a grande diferença do seu pensamento é ter esse viés oracular, tal como uma sentença divina. Embora com essa característica o discurso produzido por Heráclito pode não ser suficiente.

### 3. GNOSE

---

<sup>35</sup> Donald Schuller, Heráclito e seu (dis)curso. 2000, p.13.

### 3.1 A NATUREZA E SEUS MODOS DE APARECIMENTO

Os termos a seguir são encontrados nos aforismos de Heráclito e a partir deles traçaremos um possível caminho interpretativo que servirá para elucidação do que corresponde à parte do pensamento de Heráclito: *gnosin*, *gnomas*, *gnomen* e *gnosia*. É evidente que tais termos por derivarem do mesmo substantivo são compostos do mesmo radical “*gno*”.

Na tentativa de se aproximar do possível uso destes termos citados anteriormente, recorreremos primeiro à elucidação de algumas possibilidades interpretativas do termo *gnose*, assim como seu uso e tradução por parte de alguns comentadores. O dicionário “LSJ” (Liddel-Scott-Jones), dentre as possibilidades de tradução da palavra *gnose*,<sup>36</sup> enfatiza a palavra conhecimento enquanto uma possibilidade mais usual, sendo assim, consideraremos o termo tanto do ponto de vista da definição quanto do seu uso mais corrente durante o século VI a. C. na obra do pensador Heráclito. Com essa primeira definição, podemos começar a associar que as palavras as quais foram citadas anteriormente e que são construídas do mesmo radical que o substantivo em questão não poderiam aludir a outro significado que não seja conhecimento, compreensão, esclarecimento etc.

Dentre as palavras supracitadas, Heráclito utiliza três dessas palavras as quais podemos resumi-las, em consonância com o que escreve o comentador Alexandre Costa, como conhecimento, são as palavras usadas nos fragmentos do filósofo: “*gnosin*”<sup>37</sup>, “*gnomen*”<sup>38</sup> e “*gnomas*”<sup>39</sup>. A partir dos aforismos onde essas palavras são encontradas, investigaremos as sentenças para entender de que modo os fragmentos

---

<sup>36</sup> I. 1 “seeking to know, inquiry, investigation, esp. Judicial”: 2. result of investigation, decision  
 II. . “knowing, knowledge”: (b) higher, esoteric knowledge, 2. acquaintance with a person, 3. Recognizing, 4. means of knowing.  
 III. “being known”: 2. fame, credit.  
 IV. means of knowing: hence, statement in writing.  
 V. knowable object.

<sup>37</sup> (conhecer), se encontra no fragmento: 56 DK

<sup>38</sup> (Inteligência), se encontra no fragmento: 41 DK

<sup>39</sup> (Objeto Cognoscível), se encontra no fragmento: 78 Dk

supracitados nos revelam um possível caminho interpretativo do pensamento do filósofo Heráclito.

Para compreender a *gnose*, faremos o esforço de entendê-la posteriormente a compreensão do termo *logos* no pensamento de Heráclito, considerando este termo como o fundamento para nossa pesquisa. Ao ouvirmos o *lógos* e nos permitirmos a concordar com ele acessaremos a primeira estância do conhecimento, a partir daí é necessário relacioná-lo com a totalidade.

A definição de *logos* enquanto discurso que se estabelece como ponte para a *gnose*, pode ser melhor entendida quando considerada a relação entre o *lógos* particular para com o *lógos* universal. Enquanto aquele constitui o ser humano, este, o universal, abrange a totalidade, isto é, o particular está contido no universal e se relacionam formando uma ponte através da qual o ser humano acessará a *gnose*.

De acordo com a sugerida tradução feita por Charles h. Kahn do fragmento DKB50 fica expresso: “ouçam não a *mim*, mas ao discurso que está dentro da sua alma, e ele dirá tudo<sup>40</sup>.” Ou seja, ouçam essa voz que ecoa dentro de vocês e apreendam o sentido do todo, pois só ela é capaz de permitir o acesso ao conhecimento.

No Fragmento DKB123, Heráclito diz: “*A natureza ama esconder-se*”, esse esconder-se nos sugere que há algo que de certa maneira aparece e se esconde, demonstrando movimento entre luz e sombra, a isso Heráclito nomeia como natureza. Segundo o que diz o tradutor Alexandre Costa, acerca de um comentário de Temístio, a natureza aqui tratada pode ser a natureza do próprio criador da natureza, parafraseando Temístio, o divino não permite facilmente apreendermos a sua natureza, dado que a sua natureza é tão complexa como o próprio todo<sup>41</sup>.

Devemos nos atentarmos para os enigmas internos a própria dinâmica do todo, essa atenção é a própria escuta atenta do *lógos*. Cito Temístio: pois o conhecimento dele não está à mão e nem se alça à superfície, e nem pode ser apreendido sem suor “ou apenas com uma das mãos”<sup>42</sup>. É evidente, segundo a interpretação que fazemos de Temístio, que esse conhecimento não é de fácil acesso, como pensam os que se experimentam em ações e palavras, conseqüentemente esse acesso ao conhecimento

<sup>40</sup> KAHN, Charles H. A arte e o pensamento de Heráclito. 2012, p. 179.

<sup>41</sup> COSTA, Alexandre. Heráclito: fragmentos contextualizados. Rio de Janeiro: Odysseus, 2012, p. 121

<sup>42</sup> Temístio, Apud Alexandre Costa, Idem, ibidem, p. 121

do qual falamos exige uma cuidadosa escuta do *lógos*, que também não é uma tarefa fácil, como diz o próprio Heráclito no seu fragmento DKB1:

Deste logos sendo sempre os homens se tornam descompassados quer antes de ouvir quer tão logo tenham ouvido; pois, tornando-se todas (as coisas) segundo esse logos, a inexperientes se assemelham embora experimentando-se em palavras e ações tais quais eu discorro segundo (a) natureza distinguindo cada (coisa) e explicando como se comporta [...] <sup>43</sup>

Tal aforismo de Heráclito, com o comentário de Temístio acerca do aforismo DKB123, acentua a condição enigmática do *lógos*, isso parece surgir dada a sua aparência de natureza divina. Falar de natureza divina não é dizer que o *lógos* é o divino e sim que ele é meio para o conhecimento mais total, conhecimento esse que os deuses têm acesso, eis a razão do fragmento DKB93: “O senhor, de quem é o oráculo em Delfos, nem diz nem oculta, mas dá sinais”. O oráculo por ter acesso ao conhecimento total pode apontar o caminho certo para seguir o *lógos*, o guia que servirá de ponde para essa união. O ser humano é constituído do *lógos* particular, já o divino é composto pelo *lógos* universal, o ser humano ao encontrar o *lógos* universal “diviniza-se, desumanizando-o”<sup>44</sup>, não deixando de ser humano, tampouco se tornando um deus, apenas tendo acesso a essa outra instância da vida.

Aqui é importante fazermos uma ponderação. Ao interpretarmos o *lógos* como sendo duplo, isso não implica dizer antagônicos, temos que nos atentar para não cometermos o erro de ignorarmos uma possível distinção entre as expressões do *lógos*. O comentador Charles Kahn observa a dualidade do *lógos* da seguinte forma:

Pois é precisamente essa ambiguidade ou dualidade entre a vida do homem e a vida do cosmo que estrutura todo o seu discurso, como ocorre ademais na dualidade já observada entre *lógos* considerado como o discurso proferido por um homem e *lógos* enquanto padrão do processo cósmico.<sup>45</sup>

O comentador menciona que essa dualidade entre ser humano e cosmo apresenta a estrutura sobre a qual o *lógos* atua, que é precisamente nessa harmonia entre o ser humano e o cosmo, portanto, para que seja verdadeira essa relação é necessário lermos o *lógos* como duplo onde a) logos particular: peculiar ao ser humano, de onde se exerce a função do discurso, da argumentação e, sobretudo, o meio

<sup>43</sup> SOUZA, José Cavalcante. Os pré-Socráticos. São Paulo: Abril Cultural, 1973, p. 85.

<sup>44</sup> COSTA, Alexandre. Heráclito: fragmentos contextualizados. Rio de Janeiro: Odysseus, 2012, p. 187

<sup>45</sup> KAHN, Charles H. A arte e o pensamento de Heráclito. 2012, p. 154.

mais confiável de alcance do logos universal. b) Logos Universal: Responsável pela organização do cosmo e força inerente na *physis*.

Diferente do *lógos* particular, o universal exerce a função de ceder abertura para o conhecimento do todo, só na harmonia gerada pela relação entre os *lógos* é que se estabelece o conhecimento.

Ser possível de administrar tudo no seu bojo faz do *lógos* o caminho mais seguro para o conhecimento, dado que tudo só ocorre do modo como é na medida em que o *lógos* cede movimento, caso contrário tudo permaneceria caótico, como diz Heráclito: “[...]pois tornando-se todas (as coisas) segundo esse *lógos*[...]”<sup>46</sup> isso implica dizer que não há o que fuja do *lógos*.

Salientamos duas posições que trazem à tona elementos que ajudam a pensar o aforismo DKB123. O que podemos nos questionar é: aquilo que se acessa por meio dos sentidos é também a natureza, já que essa sempre se esconde? A essa questão proponho uma resposta que perpassa por entender que o *lógos* é latente à *physis* e ultrapassa a sua dimensão sensível, sendo o gerador de movimento da natureza. O que o ser humano tem acesso ao empreender a sua busca pela via meramente sensível é o dado mais imediato da *physis*. O que resta neste caso é se prestar a escuta atenta do *logos*, para que só assim se possa decifrar o que se encontra por detrás dessa primeira manifestação da natureza que aparece aos sentidos.

Há uma relação e relevância que o *logos* tem com a natureza, portanto, como dito anteriormente, consideraremos a escuta do *logos* como o primeiro passo estritamente humano para compreender a questão aqui posta. A partir do momento que o ser humano se permite ouvir o *logos* esse abre-se à possibilidade de acesso ao todo, que é também essa natureza divina e que cede movimento para o devir acontecer e que a tudo perpassa.

A fim de estabelecer até que ponto essa natureza misteriosa que ama esconder-se pode trazer para a evidência a concepção de *gnose* tratada pelo filósofo, analisaremos o fragmento DKB108: “De quantos ouvi as lições nenhum chega a esse ponto de conhecer que a (coisa) sábia é separada de todas<sup>47</sup>”. Aqui proponho analisarmos o fragmento, talvez de um outro ponto de vista, vejamos a possibilidade

---

<sup>46</sup> DKB1.

<sup>47</sup> SOUZA, José Cavalcante. Os pré-Socráticos. São Paulo: Abril Cultural, 1973, p. 95

de interpretar o fragmento a partir da conjunção das palavras “coisa<sup>48</sup>” e “todas”. Unindo a palavra “coisa” com a palavra “todas” teremos “todas as coisas”, o que em grego é o *ta panta*, que conduz nossa investigação para uma via mais adequada aos propósitos dessa pesquisa. Para isso consideraremos também o *hen panta*, que mantém uma relação com esse *um* que unifica todas as coisas, subjacente a tudo.

Para elucidar esse emaranhado entre o que é a natureza da coisa sabia iremos adotar uma expressão que ajudará a compreender esse momento. A expressão “*hen panta einai*<sup>49</sup>” ou *tudo é um*, lança uma luz para a reflexão que fazemos acerca da natureza das coisas, uma vez que a afirmação: *Tudo é um* remete a uma unidade que não pode ser exclusivamente corpórea, já que isso que é o um parece perpassar tudo, desse modo, temos aí um fundamento de onde tudo parte, que é comum a tudo, sendo o que se encontra enquanto natureza das coisas.

Embora latente nas coisas, a concepção que adotamos aqui é de um “*hen panta einai*” que constitui as coisas e, enquanto constituição é interior a essa natureza que aparece os sentidos. Nesse ponto parece que nos afastamos ainda mais da possibilidade de conhecimento por meio meramente sensível e salientamos a busca por aquilo que transcende a materialidade.

Para corroborar com essa investigação, temos o fragmento DKB41: “*pois uma só é a (coisa) sábia, possuir o conhecimento que tudo dirige através de tudo*<sup>50</sup>”. Esse é um dos fragmentos que Heráclito opta pelo termo *gnome*, que segundo o “LSJ” significa meio de conhecer, o tradutor Alexandre Costa opta por traduzir tal termo por conhecimento, o que não altera a interpretação do fragmento, já que meio de conhecer ou conhecimento é usado nesse contexto no mesmo sentido.

Neste fragmento temos o emprego da palavra *gnomen*<sup>51</sup>, que tem a mesma raiz etimológica de *gnose*, presente no aforismo de Heráclito, e assim fica o aforismo traduzido por Alexandre Costa: “*Uma, a coisa sábia: ter conhecimento que dirige tudo através de tudo*”<sup>52</sup>, essa “coisa sabia” pode ser entendida como o próprio *logos*, que permeia toda possibilidade de conhecimento, portanto, o motivo que leva o filósofo a

<sup>48</sup> Embora saibamos que a palavra *coisa* aqui posta diz respeito a um termo adicionado pelos autores Diels e Kranz, utilizaremos no intuito de estabelecer uma relação salutar a continuidade dessa pesquisa.

<sup>49</sup> DKB50.

<sup>50</sup> SOUZA, José Cavalcante. Os pré-Socráticos. São Paulo: Abril Cultural, 1973, p. 89

<sup>51</sup> (Inteligência)

<sup>52</sup> COSTA, Alexandre. Heráclito: fragmentos contextualizados. Rio de Janeiro: Odisseus, 2012, p. 153



chamar atenção para a escuta do *logos* é a possibilidade do conhecimento disso que a tudo dirige.

Em continuidade a abordagem feita até aqui, citaremos o fragmento DKB32, o qual o filósofo diz: “*Uma só (coisa) o sábio não quer e quer ser recolhido no nome de Zeus*”<sup>53</sup>, a questão que nos salta aos olhos é a de saber quem é esse sábio que quer e não quer ser recolhido pelo nome de Zeus, tal questão é respondida pelo comentador Alexandre Costa, tendo como base os fragmentos DKB120, 65, 41 e 78, os quais reforçam a ideia de que esse sábio é Zeus, entretanto, o que salienta o comentador é que Heráclito usa de uma metáfora para evidenciar o que faz o conhecimento no ser humano, isto é, diviniza-o desumanizando-o.

No fragmento DKB65 consta uma chave que pode nos ajudar a compreender alguns fragmentos, esse é: “*todas as coisas que são conduz o raio*”, a questão já assume outro caráter, já que agora todas as coisas que existem ou são, como consta no fragmento, carregam em seu bojo o raio de Zeus, ou seja, todas as coisas carregam a própria expressão da divindade, sendo o raio esse responsável por dirigir tudo, conseqüentemente, esse responsável por dirigir tudo é o próprio *lógos*, como consta no fragmento DKB41.

A aproximação que Alexandre Costa faz é o que admito como expressão do divino, não uma mutação do *logos* com o divino e sim o *logos* enquanto expressão do divino. De acordo com o que tem sido veementemente afirmado, deve haver uma preocupação em não confundir o *logos* com o divino e acabar apreendendo um como se fosse o outro, muito embora a possibilidade de isso ocorrer seja latente pelo modo como o divino é para o mundo grego e como é entendida a concepção de *logos* nesse período da filosofia. Contudo, o *logos* não ocupa um lugar vazio do percurso do conhecimento, antes, fornece todos os elementos para acessar esse divino, uma vez que o próprio *logos* está mais próximo do divino pela sua natureza.

Alexandre Costa afirma: “*Com efeito, a relação em Heráclito é justamente a contrária: É o divino que se transforma em logos, perdendo seu caráter fantástico e sobrenatural justamente para fazer-se lógico, physico e natural*”<sup>54</sup>. Portanto, fica

<sup>53</sup> SOUZA, José Cavalcante. Os pré-Socráticos. São Paulo: Abril Cultural, 1973, p.88.

<sup>54</sup> COSTA, Alexandre. Heráclito: fragmentos contextualizados. Rio de Janeiro: Odysseus, 2012, p. 190 – 191.

sabido que o *logos* se apresenta como essa coisa sábia regente do cosmo e o que possibilita também o conhecimento disso que é superior. Somente a partir do caminho dado pelo *logos* é que se pode ter a garantia o conhecimento da *gnose*.

Há outra evidência de conhecimento no fragmento DKB56 o qual facilitará entender tudo que foi tratado até aqui:

Estão iludidos os homens quanto ao conhecimento das coisas visíveis, mais ou menos como Homero, que foi mais sábio que todos os helenos. Pois enganaram-no meninos que matando piolhos lhe disseram: o que vimos e pegamos é o que que largamos, e o que não vimos nem pegamos é o que trazemos conosco.<sup>55</sup>

Esse fragmento é uma crítica aos homens que se experimentam em palavras na tentativa de alcançar o conhecimento, todavia, permanecem iludidos pois o meio pelo qual buscam conhecer é o mais suscetível ao erro. No fragmento DKB:108 Heráclito já critica a postura dos renomados sábios, quando diz: “De quantos ouvi as lições nenhum chega a esse ponto de conhecer [...]”, aqui é uma crítica endereçada sobretudo a Homero e Hesíodo, renomados sábios da sua época, na crítica Heráclito deixa evidente que nenhum deles percorreu o caminho correto de alcance do conhecimento, limitando sua investigação aos dados do mundo sensível e, ao limitar, enrijecem suas almas e se tornam incapazes de ouvir o *logos* e conseqüentemente, conhecer de fato.

Na segunda parte do fragmento, Heráclito continua a sua crítica ao que fizeram Homero e Hesíodo, ensinando os homens, como se fossem crianças, ao erro da estância física do mundo. Críticas como a do fragmento DKB40, onde Heráclito diz: “*Muita instrução não ensina a ter inteligência; pois teria ensinado Hesíodo e Pitágoras, Xenófanes e Hecateu.*”<sup>56</sup>, em outras palavras, Heráclito diz que o muito ensinar por parte desses, não conduz ao conhecimento, afinal, conhecer é um processo que também perpassa pela escuta do *logos*. Em um outro fragmento Heráclito desqualifica Homero DKB42: “*Homero merecia ser expulso dos certames e açoitado, e Arquíloco igualmente*”<sup>57</sup>.

Não é apenas na desqualificação de tais pensadores que Heráclito se apoia, há um elemento essencial no fragmento DKB56, o qual aproxima a discussão daquilo que o autor quer chamar atenção, isto é, tudo que os sentidos se apoiam como forma de

---

<sup>55</sup> SOUZA, José Cavalcante. Os pré-Socráticos. São Paulo: Abril Cultural, 1973, p. 90

<sup>56</sup> Idem, Ibidem, p. 89

<sup>57</sup> Idem, Ibidem, p. 89

conhecimento é aquilo que foge entre os dedos, já aquilo que não é visível nem palpável é o que de fato permanece enquanto fruto do conhecimento.

Isso que é racional embora se defina na estrutura imediata da *physis* não significa que está à vista, ao contrário, isso que é racional pode ser apreendido na sua integralidade a partir da capacidade espiritual de apreensão do conhecimento que emana do cosmo. A partir de então podemos entender a conclusão de Heráclito ao afirmar que isso que não pegamos é o que trazemos conosco, já que se trata de um conhecimento que se perfaz na racionalidade.

Alexandre Costa lança luz para esse fragmento propondo um outro olhar, que passo a considerar importante para esse trabalho. No seu trabalho<sup>58</sup> o autor se dedica a analisar todo o fragmento e sua relação com os demais. Há, evidentemente, uma relação muito próxima do *logos* com o divino, eis o motivo das confusões que incorrem os que se enveredam em entender o *logos* na sua dinâmica, como dito anteriormente. Na abordagem do comentário a esse fragmento DKB56, Alexandre Costa trata de um humano divinizado, esse que diviniza-se por meio da escuta do *logos* e desumaniza-se, assim é dito: “É chegado então o momento de afirmar o que ficou por dizer: através da homologia o homem diviniza-se, desumanizando-se.”<sup>59</sup>, este é o ponto chave para entender essa ascensão do ser humano por meio da aproximação e acesso a esse conhecimento espiritual, o que torna esse ser humano um herói, como afirma mais a frente Alexandre, é a escuta ao *logos*, que aparece enquanto ponte para a *gnose*.

### 3.2 O CONHECIMENTO E A IGNORÂNCIA HUMANA

Há ressalvas importantes na abordagem de Alexandre Costa que saltam a perspectiva do trabalho empreendido em entender a *gnose* em Heráclito. A primeira ressalva é não confundir *logos* com o divino, isso poderia reduzir o *logos* a uma concepção unicamente divina, acarretando em um estreitamento semântico por parte do termo, por outro lado, não se deve afastar os termos como se fossem antagônicos. A segunda e última ressalva é, após essa primeira, entender que o *logos* é possibilidade

---

<sup>58</sup> COSTA, Alexandre. Heráclito: fragmentos contextualizados. Rio de Janeiro: Odysseus, 2012, p. 187.

<sup>59</sup> Idem, Ibidem, p. 187.

de divinização, ou seja, embora ele não seja o divino ele favorece a divinização do ser humano.

A proposta de concepção de *lógos* enquanto ponte se perfaz ao pensarmos neste como meio para a *gnose*, considerando este como responsável pela divinização no ser humano, embora essa divinização não torne nenhum ser humano deus, tampouco pode, afinal a lacuna entre deuses e seres humanos se mantém, mesmo após a divinização. Assim afirma Alexandre Costa: “Os homologantes aproximam-se dos deuses mas continuam a ser homens, até porque a homologia é uma possibilidade eminentemente humana.”<sup>60</sup>

Há um outro fragmento no qual Heráclito se refere à *gnose* e faz isso do seguinte modo, DKB78: “*O moco*<sup>61</sup> humano não comporta sentenças, mas o divino comporta.”<sup>62</sup>, para esse fragmento usarei a tradução sugerida por Alexandre Costa, onde consta: “*O êthos humano não tem conhecimento, mas o divino tem.*”<sup>63</sup> no fragmento a palavra traduzida por conhecimento é literalmente “Objeto cognoscível”, segundo o “LSJ”. No fragmento em questão o autor aponta para esse conhecimento divino, eliminando toda produção de conhecimento feita pelos homens, como é o caso de Homero, Hesíodo e outros; sendo assim, o fragmento sustenta que o conhecimento não parte de uma produção inteiramente humana, antes de uma morada divina, isto é, de uma escuta contínua do *lógos*, de um perpétuo transito rumo à divinização.

A relação que o filósofo Heráclito mantém com o termo *gnose* se funda não apenas no seu uso etimológico, como também não se limita a algo místico, como diziam os seus contemporâneos ao chamarem de obscuro. *Gnose* se refere a uma divinização do ser humano que se permite a essa abertura para o *logos*, pois a partir desse acesso é que se pode entender esse apontar oracular, dentro da dinâmica do conhecimento.

Ao traduzir a palavra *gnose* como conhecimento, encontramos um viés de conhecimento que compete a “conhecimento superior, esotérico”, isso nos conduz a recordar todo o cenário do nascimento da filosofia ocidental, quando não se tinha uma distância tamanha entre filosofia e mito. A *gnose* trata de um conhecimento que é

---

<sup>60</sup> Idem. p. 187

<sup>61</sup> “Moco” que pode ser traduzido por “assento, morada”

<sup>62</sup> SOUZA, José Cavalcante. Os pré-Socráticos. São Paulo: Abril Cultural, 1973, p. 92.

<sup>63</sup> COSTA, Alexandre. Heráclito: fragmentos contextualizados. Rio de Janeiro: Odysseus, 2012, p. 153.

superior não em grau e sim em capacidade de acesso do ser humano. A limitação do ser humano no intento de acessar diretamente esse conhecimento superior perpassa por não entender o logos como essa ponte entre esse conhecimento e o ser humano. Embora o conhecimento tenha essa característica, isso não implica dizer que é inacessível, inalcançável, muito pelo contrário, ele é e deve ser acessado, só assim se conhecerá aquilo que compõe o todo ordenado, os próprios deuses. Em suma, um conhecimento divino no ser humano.

Como mencionado anteriormente, aos ignorantes resta o caminho penoso da falta de significado para a vida, no entanto, por ser o ser humano potencialmente sábio, mesmo o ignorante pode se recuperar do erro da ignorância e perfazer o caminho do conhecimento, a partir daí se estabelece a possibilidade de ascensão ao conhecimento desse que ignora, embora que recôndito, um possível sábio. Nesse ponto é possível observar a diferença entre o ignorante e o conhecedor, enquanto este ouve e homologa com o *lógos*, aquele ignora a voz do *lógos* e sua homologia.

A partir de agora, cabe saber qual a natureza desse conhecimento que diviniza o ser humano, como diz o autor Alexandre Costa no comentário ao fragmento 73 do seu livro. Visando entender a natureza desse conhecimento divinizante analisaremos o fragmento DKB78, onde temos: “*o moco humano não comporta sentenças, mas o divino comporta*”<sup>64</sup>. Na tradução de Alexandre Costa o mesmo põe da seguinte forma: “*O êthos humano não tem conhecimento, mas o divino tem*”<sup>65</sup>. Com essa mudança nas palavras parece deixar evidente que o conhecimento compete ao divino, logo, aquele que se torna sábio poderia ser considerado um ser humano divinizado.

Interessa saber qual a razão do conhecimento ser algo acessível a divindade, enquanto que o ser humano se limita não ouvindo ao *lógos*. Heráclito nos fornece subsídio para essa compreensão quando afirma que são os homens desviantes, iludidos com as coisas visíveis, isto é, o ser humano é demasiadamente limitado enquanto não escuta o *logos*.

---

<sup>64</sup> CAVALCANTE, José De Souza. *Os Pré-Socráticos*. São Paulo: Abril Cultural, 1973. p.92. Fragmento: 78 (Numeração do autor)

<sup>65</sup> COSTA, Alexandre. *Heráclito Fragmentos contextualizados*. São Paulo: Odysseus, 2012. p. 153. Fragmento: 86 (Numeração do autor)

Quando Heráclito diz: “*Estão iludidos os homens quanto ao conhecimento das coisas visíveis...*”,<sup>66</sup> podemos entender que o ser humano muitas vezes se limita ao aparente aquilo que se acessa imediatamente, que por sua vez é um empecilho a ascensão do conhecimento total. Para enfatizar a abordagem há o comentário de Charles h. Kahn, ao fragmento acima mencionado, quando esse diz:

A sabedoria genuína é como um enigma, difícil e óbvio ao mesmo tempo, ou difícil a princípio e depois óbvio. Ela também sugere que a sabedoria tem decerto algo a ver com o que vemos e apreendemos, porém ainda mais com o que ordinariamente não vemos nem apreendemos.

A sabedoria genuína da qual menciona o comentador possivelmente seria o que Alexandre Costa considera como a divinização do ser humano, mediante a escuta sensível do logos. Assim como parece que o comentador Charles h. Kahn concorda que a sabedoria ou conhecimento está naquilo que não é dado imediatamente.

### 3.3 A SABEDORIA

Embora seja possível que não exista nitidamente uma diferença entre sabedoria e conhecimento para Heráclito, cabe saber o que o autor possivelmente considerou como sendo sabedoria e, a partir daí entender se de fato há alguma diferença salutar entre sabedoria e conhecimento.

Não é raro de se encontrar fragmentos que abordam sabedoria e conhecimento como sinônimos, o que semanticamente não parece ser um problema, já que ambos os conceitos se aproximam conforme o contexto do fragmento. Além do mais, o emprego dos termos com distinções semânticas evidentes é possível que não tenha sido latente ao pensamento grego, eis a razão para comentadores sempre cambiarem entre os termos.

O autor Alexandre Costa argumenta que há uma certa horizontalidade entre conhecimento e sabedoria, tanto que um serve de caminho para o outro, o mesmo chega a apontar um fragmento de Heráclito que traz a tona essa horizontalidade, seria o fragmento DKB41: “Pois uma só é a (coisa) sábia (*sofia*), possuir o conhecimento (*gnómen*) que tudo dirige através de tudo”.

---

<sup>66</sup> CAVALCANTE, José De Souza. *Os Pré-Socráticos*. São Paulo: Abril Cultural, 1973. p.90. Fragmento: 56 (Numeração do autor)

O comentador acredita que no fragmento supracitado há a síntese ideal de ambos os conceitos, quando afirma Heráclito que a única coisa é ter o conhecimento que o que guia atravessa tudo. Embora a preferência pelo termo conhecimento aparente suspeita para tratar de sabedoria, o comentador relaciona mais dois fragmentos que fornecem subsídios para sua exposição, são eles os fragmentos DKB78, onde diz: “o moco humano não comporta sentenças, mas o divino comporta”, e o fragmento DKB32, onde diz: Uma só (coisa) o sábio não quer e quer ser recolhido no nome de Zeus.

Segundo o comentador, essa tríade de fragmentos se apoia sobre uma relação saber e divino, seria o caso em que Zeus é reconhecido como o único sábio, onde lê-se também que o moco humano não comporta conhecimento enquanto o divino sim, logo, o divino Zeus, que é o único sábio seria também o que comporta conhecimento, logo, a correlação entre sabedoria e conhecimento se torna evidente, dado ser Zeus o único sábio como também aquele que comporta o conhecimento.

O comentador José Lourenço expõe a sua percepção acerca dos conceitos de sabedoria e conhecimento da seguinte forma:

Em Heráclito, o caminho para sabedoria parece pressupor a combinação entre percepção sensível e pensamento, porquanto a verdade universal está presente em nós, vale dizer, o microcosmo humano reflete a estrutura macrocômica, por isso podemos conhecer.<sup>67</sup>

Diante desse fragmento do seu artigo o autor pressupõe que percepção sensível e pensamento fazem parte dos passos até a sabedoria, nesse sentido é a sabedoria formada por uma relação da qual todo ser humano pode acessar, já que diz respeito primeiramente a algo imediato e em seguida a seu empenho na lida com esse dado fornecido pela percepção sensível.

Já o que o autor considera como sendo o microcosmo e o macrocosmo foi considerado na primeira parte desse trabalho como sendo *logos* particular e *logos* universal, que fundará o conhecimento genuíno. Portanto, tudo que é fruto da sabedoria e do conhecimento partirá de uma relação do ser humano (particular) para com algo maior do que ele (universal).

## CONCLUSÃO

---

<sup>67</sup> LOURENÇO, José Pereira da Silva. O conhecimento em Heráclito de Éfeso. Campinas: Revista de estudos filosóficos e históricos da antiguidade, 2020. p. 54.

De acordo com os principais pontos discutidos anteriormente nos aproximamos do pensamento de Heráclito com o cuidado no entendimento de um discurso fragmentado e multissignificativo. A razão do cuidado na lida com o seu pensamento é considerando a profundidade das suas sentenças e a forma como elas chegam até nós. Os pontos anteriormente discutidos pretendem entender essa figura icônica que foi o sábio na Grécia antiga e quais suas reverberações na atualidade do pensamento ocidental.

Tão significativo quanto a filosofia de Heráclito é o conceito *logos*, explorado pelo autor com toda profundidade proporcional a seu pensamento. O conceito em questão se personifica na filosofia heraclítica, tanto é que a ocorrência dele nos aforismos tem certa frequência, além da importância para o entendimento da proposta do autor. Arriscamos considerar que só é possível tal filosofia porque há o *logos* como cerne na sua constituição. Portanto, é oportuno discutir o que é o *logos*, pois ele fornecerá condições para o entendimento da filosofia que propomos trabalhar.

Para que a compreensão do *logos* seja razoável concordamos com Charles Kahn e concebemos a divisão do *logos* em particular e universal, desse modo entendemos como é possível ouvi-lo e com ele concordar. Essa relação e concordância estabelece a ponte a qual o ser humano que começou a busca continue o seu caminho até a *gnose*.

Dado esse primeiro passo, como dito anteriormente, coube entender o que significa a *gnose* para o pensamento de Heráclito e como ela interage com o ser humano. Certos que o conceito *gnose* não é uma criação do pensador e sim da cultura, coube saber o seu significado para a tradição popular e em seguida como Heráclito o interpretava. Parece que para a tradição popular conhecimento estava ligado ao que faziam os educadores como Homero, Hesíodo, Xenófanes entre outros, Heráclito contesta tal relação e estabelece que a *gnose* só pode ser acessada quando em relação com a escuta do *logos*.

Por fim, o sábio, segundo a filosofia heraclítica, é esse(a) indivíduo que conhece a dinâmica do todo concedido por meio da relação anteriormente mencionada. A constituição o sábio pode ser entendida na mesma ótica, com o adendo da atenção para com o conhecimento de si, promovido pelo acesso a *gnose*.

Quando o ser humano busca se entender no universo tão complexo de experiências e experimentações da lida diária consigo mesmo e os outros, esse transcende, ou seja, atravessa a ponte forjada pelo *logos* e se estabelece no conhecimento total, aí surge o sábio como orientador(a) desses caminhos, pois a sua capacidade de entendimento sobressai os limites da vida ordinária.

Entender o particular é ter consciência de si no mundo tão plural e diverso, já entender o conhecimento total das coisas é voltar-se para o além do eu, isto é, o múltiplo e o uno em uma só atmosfera de compreensão, possível a todo e qualquer ser humano.



Em suma, pode-se entender, em concordância com Ana Rafaella, Onde diz: “O homem é ou não é sábio em virtude de sua escuta e de sua disposição após essa escuta, e essa disposição implica na homologia, na concordância com o *logos*”<sup>68</sup>. Ou seja, sábio(a) tem a disposição ou inclinação para a atividade da escuta, consagrando assim a escuta como o elemento primordial da constituição do sábio e a homologia ou concordância como o resultado dessa escuta atenta.

---

<sup>68</sup> MELO, Ana Rafaella Pereira. Interação entre sensação e razão no teeteto: uma teoria platônica da senso-percepção; tese (Doutorado em Filosofia)– Universidade federal da Paraíba, João Pessoa, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/9609/2/arquivototal.pdf>. p. 69.

## REFERÊNCIAS:

COLLI, Giorgio. **A sabedoria grega III**. Trad. Renato Ambrosio. São Paulo: Paulus, 2013.

JAEGER, Werner Wilhelm. **Paidéia: a formação do homem grego**. Trad. Artur M. Parreira. 3ª. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

CORNFORD. Francis Macdonald. **Principium sapientiae: los Orígenes del pensamiento filosófico griego**. Madrid: Cambridge university press, 1952.

LIDDEL, H. G. e SCOTT, R. **A Greek-English Lexicon**, Oxford: Claredon, 1996.

COSTA, Alexandre. **Heráclito, Fragmentos contextualizados**. 1. ed. São Paulo: Odysseus, 2012.

KAHN, Charles H. **A arte e o pensamento de Heráclito**, uma edição dos fragmentos com tradução e comentário. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2012.

SOUZA, J. C.(org) Os pré-socráticos, fragmentos, doxografia e comentários. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

SILVA, José Lourenço Pereira. **O conhecimento em Heráclito de Éfeso**. São Paulo, n. 35, p. 45-57, 2020.

VIEIRA, Celso de Oliveira. **Razão, alma e sensação na antropologia de Heráclito**. 2010. Dissertação de mestrado – Curso de Filosofia, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-8JAPN9>.

FLAKSMAN, Ana. **Aspectos da recepção de Heráclito por Platão**; Tese (Doutorado em Filosofia)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: [https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/14601/14601\\_1.PDF](https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/14601/14601_1.PDF).

GUTHRIE, W. K. C. **A History of Greek Philosophy: The Earlier Presocratics and The Pythagoreans**. Vol. 1. Cambridge: University Press, 1962.

KIRK, G. S. **Os filósofos pré-socráticos**. 7<sup>a</sup>. Ed. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2010. Disponível em: [academia.edu](http://academia.edu)